



21º Domingo depois de Pentecostes (09.10.05) Próprio 23

1ª leitura - Isaías 25.1-9

A leitura aparece na forma de engrandecimento da obra de Deus. Que é esse projeto divino? "Fizeste da cidade um monte de pedras...". É claro que a cidade é mais do que construções. Ela é uma rede complexa e organizada de relacionamentos humanos. A sua forma de relacionamento, organização e sua auto-imagem são expressas pelas suas construções. As muralhas fortificadas separavam os de dentro e os de fora. É evidente que havia povos com exércitos mais organizados e equipados lá fora, isto é, outras nações, mas havia os não desejados ou pobres que viviam fora dos muros. Essa cidade não é identificada. Pode ser qualquer cidade tirânica ou cruel. Alguns exegetas apontam para a Babilônia; outros para a própria Jerusalém. Porém, de qualquer forma, o louvor vem dos subjugados, carentes, e indefesos. "Pois tu és a muralha dos indefesos"... para quem só Deus é sua vigia, sombra contra o sol...(Sl 121:5).

V. 6ss - O louvor passa para a visão do fim. Este é visto como um banquete. (Ver Sl 23:5) O banquete - comunhão - é a finalidade da reunião para a qual Deus chama os povos. É, também, o tema do Evangelho de hoje. Feliz de quem participar do banquete do Reino! (Lc 14:15; 22:14ss; Ap 19:9).

Esse é o começo de um mundo novo. Esse mundo é liberto da morte, que cobre todos os povos. Deus destruirá a morte. Também enxugará as lágrimas. Aquele que vence a morte é também quem pode consolar os entristecidos, porque a morte não reinará mais. Aqui vemos a vitória sobre o pecado, a distorção do relacionamento em relação a Deus, aos outros e a nós mesmos (injustiça) e morte. A morte representa tudo que limita o espaço vital da humanidade e da pessoa impede o bem estar, a comunhão com Deus e uns com os outros. Essa morte é tragada pela ressurreição de Cristo (1Co 15:54). Em meio ao desmoronamento da cidade cruel e tirânica há uma antecipação do banquete de alegria, de ação de graças (*Dom Sumio Takatsu*).

Epístola - Filipenses 4:4-13

"Alegrai-vos sempre no Senhor". Não se trata de mera exortação de ânimo, pois novamente Paulo a reitera, frisando "outra vez digo: alegrai-vos"! (v.4). O apóstolo não está falando aqui de algo emocionalmente fútil e passageiro, como uma boa sensação que nos vem repentinamente, estimulada por algum cântico ou qualquer compensação inesperada. A alegria cristã está associada à experiência da libertação e salvação, à visualização da prática da justiça e dos sinais do Reino se solidificando na sociedade.

As recomendações bastante diretas do apóstolo valem para todos nós, em todas as épocas: "moderação em tudo" (v.5 - ou seja, evitar exageros no uso do corpo, nos relacionamentos, nas palavras, no comportamento) e controle da ansiedade (v.6). Para as comunidades cristãs da época que esperavam que Jesus



voltasse fisicamente nas nuvens durante aqueles dias e, no entanto, enfrentavam diversas tribulações, o conselho de Paulo é bastante pertinente. Diante de uma sociedade hostil a comunidade cristã deveria ser conhecida pela moderação, tranquilidade e paciência demonstradas nas orações e ações de graças.

“A paz de Deus que excede todo entendimento guardará vosso coração e vossa mente em Cristo Jesus” (v.7). Há ecos aqui de Romanos 8:31-39. As aflições não podem abater nosso ânimo nem confundir nossos pensamentos. A paz encontrada no relacionamento de intimidade com Deus é capaz de transcender nossa imaginação, nossas expectativas e curar nossa ansiedade. Por isso, essa paz que guarda “nossos pensamentos” busca fixar nossa atenção em coisas positivas e virtuosas (v.8). Desse modo, o Deus da Paz estará conosco (v.9).

V.10-13 – Paulo identifica como sinal visível do constante auxílio divino o auxílio material que recebia esporadicamente daquela comunidade. Isso é motivo de alegria. Não se tratava aqui de receber favorecimentos para uma vida luxuosa, pois o apóstolo aprendera a viver contente em qualquer situação. Eis aí um grande segredo que temos ainda que descobrir em nosso mundo tão consumista, que associa diretamente a felicidade e o bem estar á quantidade de bens adquiridos. O apóstolo atingiu um nível tal de vida que é capaz de estar bem em situação de fartura ou de fome, abundância ou escassez. A litania geral de ação de graças para a Oração Matutina e Vespertina (LOC, p.40) ajuda-nos a compreender isso. Ali respondemos louvamos a Deus “na alegria e na tristeza, na vida e na morte”, com as palavras: “Bendito sejas, ó Cristo”.

v.13 – “Tudo posso naquele que me fortalece”. Um esclarecimento sobre esse versículo: Algumas pessoas o utilizam inadequadamente para dizer que o cristão pode fazer o que quiser ou pode alcançar todas as coisas que deseja. O contexto não favorece tal interpretação. A melhor forma de entendê-lo seria: “venha o que vier, aconteça o que acontecer, eu agüento tudo, porque Deus me fortalece!”. É um ousado brado de fé (*Rev. Carlos Eduardo B. Calvani*).

Evangelho - Mateus 22.1-14

Em contraste com a narrativa de Lucas 14:16-24 (na casa de Simão), a versão de Mateus é mais complexa. O convite é formal, segundo a etiqueta da época: o anfitrião convida seus amigos, os convidados aceitam e ficam aguardando a confirmação final. Mas os convidados não vieram, então, os servos são enviados para fora da cidade.

Parece haver duas parábolas compactadas: o rei que deu banquete e a parábola da veste nupcial que está mais voltada para dentro da Igreja de Mateus pós-ressurreição. (Diga-se de novo que Mateus não escreveu o Evangelho isolado dos problemas pastorais de sua Igreja e da influência poderosa da experiência da Ressurreição de Jesus Cristo.) É claro que há sempre mais de uma interpretação. De qualquer forma, da preocupação do conflito com as autoridades judaicas a atenção passa para a questão interna da Igreja.

“Todos os que forem encontrados” (v.9-10), “bons e maus” (Mt 21:31; 13:24ss; 47ss.). A veste nupcial é metáfora da nova identidade em Cristo, deixando o



jeito antigo de viver. Isto é, ao acolher o convite é preciso se revestir de Cristo, da nova criação e viver de acordo com essa orientação. (Rm 13:14; Gl 3:27; Ef 4:24; Cl 3:10-12). O fruto da justiça é a insistência de Jesus em Mateus.

Há uma advertência aos que se consideravam incluídos como aquela de S. Paulo em 1Co 10:12: "aquele que pensa estar de pé tome cuidado para não cair".

A figura do Reino é um banquete. O banquete fala nas coisas básicas da vida uns com os outros: a comida, bebida, casa ou comunidade, a alegria, a liberdade de conviver uns com os outros e com o meio ambiente. Para nós a questão é para quem e com que comemos e bebemos. Esse comer e beber representa santificação de todos os aspectos da vida. E o cerne da santidade é o amor.

Temos, assim, a relação entre o Evangelho e o Antigo Testamento designados para hoje. Em poucas palavras, comemos e bebemos com Jesus Cristo sendo alimentados pela Sua presença na Palavra e no Sacramento. (*Dom Sumio Takatsu*)